



O Gaiato

10 DE JANEIRO DE 1970

ANO XXVI — N.º 674 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENARI...
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

DOCTRINA

Duas notícias aparecidas nos jornais no último Novembro, convidam-nos à reflexão sobre as consequências desastrosas da sobreposição das leis da Natureza — simples como o Seu Autor — pelos artificios da ciência dos homens.

Uma delas refere-se à revalorização do marco, operação que trouxe à Banca alemã um prejuízo imediato da ordem dos trinta milhões de contos. Com certeza que tal medida, antecipadamente conhecida a perda que implicava, não foi tomada senão em vista de lucros futuros que venham a compensar amplamente o prejuízo de agora.

Mas eu pergunto: — Em favor de quem será o actual sacrifício da Banca alemã? A custa de quem os lucros futuros?

Eu nada sei e dificilmente compreendo algo destas especulações. Sei que Deus criou o Mundo e tudo que nele existe para o homem e quer que este o domine e extraia da Terra e das suas entranhas, pelo seu engenho, tudo quanto é necessário à sustentação das gerações até ao fim dos tempos. Sei, com desgosto, que dos recursos conhecidos e disponíveis, está por aproveitar um potencial imenso que faz falta imediata a dois terços da Humanidade. E quantos outros recursos por conhecer, que novas técnicas, sempre em progresso, permitirão detectar e utilizar ao serviço dos homens!...

Para quem tem Fé em Deus Criador e Senhor do Céu e da Terra, Pai — portanto, por excelência, o Amigo dos homens — não é admissível sequer a hipótese de que um Mundo criado para o homem não contenha em cada momento da História a resposta suficiente às necessidades dos homens. Seria brincar com coisas demasiado sérias; estremecer os alcerces como se ignorasse que as paredes superiores viriam a ruir com esse abalo. O nosso Deus não é um brincalhão, nem um inconsciente! É Pai; é o Amigo dos homens.

Portanto a carência de resposta às necessidades essenciais do homem num dado momento da História não pode ser senão da responsabilidade dos homens, dos seus artificios, dos seus enredos sobre realidades simples que Deus fez — nascidos do orgulho e da ganância, do desequilíbrio da Justiça como é evidente do facto da quase totalidade dos bens do Mundo estarem nas mãos de uma minoria, de cujo critério (quantas vezes, de cujos caprichos!) depende a maior parte da Humanidade.

No artigo a que me refiro, o Prof. Pacheco de Amorim comentava: «É com forças desta ordem de grandeza que actualmente opera e domina o Mundo a abominável finança internacional, que constitui, para a civilização ocidental, um perigo bem maior do que todos os comunismos, brancos, pretos ou amarelos.

Continua na SEGUNDA página

O correio de Natal foi nutrido, explosivo e recheado de muitos novos assinantes.

Se a parte mais activa e mais viva dos 50.000 leitores do «Famoso» colabora com tanto nível, que seria se cada um dos leitores — em todo o mundo português ou onde houver portugueses — acendesse o facho e fosse prá rua? Ó revolução admirável! E frutuosa!

● METI MÃOS À OBRA

No entanto, a gente vê que, mesmo por intermédio desta coluna, uns arrastam os outros. Aqui está:

«Quis colaborar na «Campanha de assinaturas», mas como a proposta tinha de ser assinada por um assinante (pelo menos assim me pareceu), isto

Campanha de assinaturas

confundi-me e desisti. Porém, as cartas publicadas no último «Famoso» deram-me um ânimo estupendo e meti mãos à obra.

Não são muitas mas são fixas e vou fazer esforços para conseguir mais. Se assim for escrevo mesmo fora da Campanha.»

Mas que bela vitória! Sem quebrar a discreção que é timbre do «Famoso», vimo-

nos forçados, pela tarimba, a optar pela inclusão facultativa do nome do proponente na lista — para mútuo benefício. E tem feito muito jeito. Quantos problemas o processo tem resolvido! Ele nomes indecifráveis, moradas incompletas, aclaração de devolução de jornais, etc. Enfim, escolhemos um mal menor — para se evitar o maior. Só por isso.

Muito contentes, também, pela promessa — vou fazer esforços para conseguir mais. Lisboa é um mundo de gente, minha senhora!... Mais contentes, ainda, por se dispor a escrever mesmo fora da Campanha. Muito bem! O «Famoso» não rola com formalismos.

● ADESÃO ESPONTÂNEA

A propósito: a ass. 7357, também de Lisboa, despacha por unidades, em postais dos C. T. T., o resultado de colheitas diárias. Indica o nome proposto e sobrepõe curiosa legenda sublinhada: 3.ª adesão espontânea. Actualmente supomos que vai na terceira... Digno de nota o espontânea. Mais o laconismo que não é

Continua na SEGUNDA página

Aqui, LISBOA

Mais um ano passou. Misto de alegrias e tristezas, amálgama de vitórias e fracassos. Entre o que se desejou e o que aconteceu, uma distância grande. Tirar das próprias derrotas e limitações as lições que em si comportam não será jamais despendioso. Vamos recomeçar, como recomeçar deve ser a vida de todos os dias, apontando sempre para o Alto, por rasteirinhos que somos.

Se nos perguntassem o que mais aspiráramos no ano ora começado, para além do que está na base do que deve ser um cristão-sacerdote, diríamos: ter colaboradores em número e qualidade e, após a inauguração da futura casa-mãe, que se antevê para breve, acabar as novas oficinas e apetrechá-las à altura, de modo a funcionarem como verdadeiras escolas e, simultaneamente, como fonte de alguns recursos para o governo da própria Casa, o que deve ser a tendência desejável.

Temos no momento cem rapazes nesta Casa. Dentro em pouco será possível dar guarida a mais dez ou quinze. Os pedidos que nos chegam, entretanto, e os casos conhecidos, a exigirem a nossa mão, dariam para encher o dobro das instalações. Mas como tratar dos Rapazes que já estão entre nós, se há um só padre e uma só Senhora para tanta gente?! Onde estão as almas disponíveis, nesta época tão cheia de loquacidade e de frases feitas, capazes de se entregarem ao serviço dos Irmãos? Educar não é apenas dar dormida, encher estômagos e vestir os corpos. Isso também se faz aos simples animais. Para o Lar de Lisboa necessitamos, com urgência, de Alguém disposto a ser Mãe de família para os sem família, sem cálculos ou visões de egoísmo e onde as frustrações não tenham lugar. Para a Casa do Tojal não seriam demasiadas duas Senhoras, dispostas a perder a vida para a ganhar. E sacerdotes? Não haverá jovens dispostos a contestar-se e contestar o egoísmo hodierno, entregando-se em actos e não apenas em conversa ao trabalho de estender a mão àqueles que necessitam da nossa ajuda, não existirão almas que queiram viver, apagadamente e em humildade profunda, os problemas concretos dos pequeninos Irmãos que chegam até nós ou por nós esperam?

Quanto ao segundo desejo atrás manifestado nem valeria a pena dizer nada. Pouco temos pedido ultimamente nestas colunas, para não cansar ninguém. Não vemos, porém, como fazer obras sem o auxílio dos nossos Amigos de todas as horas. Elas continuam e são absolutamente indispensáveis. É à grande Família da Obra que apresentamos as nossas necessidades. Quem escreve estas linhas é uma espécie de guarda-avançada, que há-de

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA



O magnífico prédio do nosso Lar de Coimbra está na fase mais dispendiosa — os acabamentos. Precisamos d'alívio... Quem bota a mão?

DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA página

Perigo bem maior, dissemos, porque é perigo interior e invisível, senhor dos comandos da economia, através da Banca e da opinião pública, por dominar os grandes meios da informação.»

Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA página

pôr em movimento os recursos que a Rectaguarda lhe proporcionar. Só quer servir, não tem aspirações de grandeza ou de honras à moda do mundo. Deverá ser o último de todos a cansar-se ou a desanimar, mas o tempo gasta e as forças vão diminuindo... Sonhar foi sempre fácil, mas, apesar das dificuldades, com Fé, tudo será possível. Vamos, pois, todos, continuar a tarefa entre mãos. Que o Senhor nos ajude e dê um novo ano cheio de graças.

Padre Luís

Ora aqui está uma opinião insuspeita à ortodoxia regimental, que aponta, sem papas na língua, o que a nossa incompetência nestes assuntos sempre nos permitiu pensar.

Num mundo organizado segundo as leis divinas, leis da Natureza, nunca fui capaz de conceber a Finança senão como serva da Economia.

Mas é assim, de facto, no nosso pobre Mundo, propriedade de alguns ricos? Não é, pelo contrário, como afirma o articulista citado, «a abominável finança internacional, senhora dos comandos da economia, através da Banca»... e — ainda mais abominável! — censura de um valor absoluto e espiritual, a Verdade, «por dominar os grandes meios de informação»?

A outra notícia que a princípio referi abre uma clareira de esperança, justamente naqueles centros onde «a abominável finança internacional» tem as suas sedes. Segundo ela, o primeiro-ministro Harold Wilson desconta cerca de metade do que ganha para impostos — com certeza o grande fundo financiador do Bem-comum.

O industrial mais bem pago da Grã-Bretanha, Owen Disper, após os impostos, só arrecada para si 1/7 do que ganha. São 910 contos por ano, o que deve

chegar para viver muito bem, mesmo uma família bastante numerosa e com alto nível de vida.

Que estrondo acordará a consciência dos poucos muito ricos, se lhes não amarga a boca, lhes não causa insónias e os não determina a uma conversão de vida e de sistemas de organização social o simples conhecimento de que 2/3 dos homens vegetam na sub-alimentação e na incultura do espírito?!

Visado pela
Comissão de Censura

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

INVERNO — Chegou o Sr. Inverno. Bateu-nos à porta com cara de poucos amigos e meteu-nos nas mãos o presente de Natal: tempo frio! Mas recebêmo-lo a sorrir. É que ele trouxe até nós a festa da Alegria!

NATAL — «Ena pá. Hoje é que vai ser! Vamos comer batatas com bacalhau e pencas. E ele há tantas coisas boas!» Isto pululava nas bocas pequeninas dos Batatas que não havia meio de se calar: «Sabes, ó Tambor — dizia o Armindo Safaneta — o Menino Jesus no outro

ano deu-me uma carroça com um cavalo de folheta. Ora não foi Jójó?» O Tambor é novo cá em Casa e o Jójó é o mais pequenino de todos.

E enquanto no seio dos mais pequenos vinham a lume as aventuras de cada um, os mais velhos punham, também, a claro a especialidade do dia — «É Bártolo, hoje o ordenado é a dobrar! Em vez de dez, hoje são vinte escudos! Valente!» — irradiou o Banana.

Vinte escudos! Valente!... Prás batatas e tronchudas o Manuel António (ex-Caneco) escalonou uns tantos. Por entre muitas cantigas o trabalho foi um instante.

Depois do banho e do terço foi a ceia. Muita alegria! A hora assim mandava. Depois houve um serão muito familiar no salão de festas onde, quem quis, pôs a público as suas habilidades na canção, na mímica, na poesia etc..

À meia-noite fomos prá Missa do galo. Houve muita gente convidada à Alegria!

dramento de um lago cheio de beleza. Vivem nesse lago uns patos. Dão graça... mas a maior pode ser dada por pássaros cantores. Nesta altura estão no pombal uma rola (coitada...) e 3 faisões e as pombas.

Passou por benedictões interiores. Agora é só mandarem para cá, pelo menos rolas para fazerem companhia àquela solitária... se não forem outras.

Ah! é verdade! Talvez os interessados queiram tomar nota do nosso endereço: Calvário — Beire — Paredes (Douro). Aguardamos a vossa boa vontade.

CAINDO AS FOLHAS — Para os poetas é motivo de inspiração. Mas para aqueles seres mais válidos do Calvário é mais trabalho... Primeiro foram as batatas. Houve faturinha delas para o gado. E deviam ser tão boas que nem foi necessário moê-las. Ouvi algumas vezes dizerem que era pena não serem azeitonas! Seria formidável! Pois se nós temos o comer temperado tem

de ser com o que é vendido.

Passemos adiante senão... Depois delas apanhadas, com relevo para o Eduardo — que todos reconhecem que seja denominado o grande apanha-bolotas 1969! Bravo, Eduardo! Mostra aos homens válidos que também és gente!

Agora cai a folha deste arvoredor. E toca a varrer as folhas. Quem dera que todos quantos possam assistir a esta lufa-lufa ponderassem no que ela significa.

Há algo que convinha os homens sabermos. Não serei eu...

FESTAS FELIZES — Como atrás dissemos teréis estas notas na época do Natal. Como os C.T.T. mandam expedir o mais cedo possível a correspondência nesta quadra, aqui estou, em nome de todos, a desejar a quantos se interessam pelos problemas da Obra muitas bênçãos de Deus - Menino.

Manuel Simões

CALVÁRIO

Foi capoeiro e aviário, antes de existirem as capoeiras, feitas mais tarde. Teve alturas parecendo cair no esquecimento. Embora no sítio em que se encontra seja um enqua-

Do que nós necessitamos

É-nos grato, ao registar parte dos donativos recebidos nesta Casa (pois nem todos nos é possível mencionar), tantos deles virem com dedicatórias tão carinhosas, que não sabemos como anotá-los. São presenças tão familiares as que nesta quadra santa e alegre nos chegam às mãos, que nada mais vos podemos dizer, senão um obrigado sincero e desejar-vos um Novo Ano cheio de bênçãos divinas, de Paz e alegria no Senhor.

Um vale de 1.000\$00, de uma mãe do Porto. Certamente pela educação que dá a seus filhos, lhes inculca o amor pelos pobres e necessitados. Assim, Maria Manuel escreveu-nos e mandou 200\$00. E José António também nos deu notícias e enviou 20\$00. Se o espaço do nosso «Famoso» não fosse tão pequeno, transcreveria as vossas cartinhas. Mas eu sei o muito carinho que nos dedicais! Deus vos ajude nos estu-

dos e dê saúde aos vossos pais. E cá aguardamos a vossa visita, de braços abertos.

Assinante de Rio Tinto, com os habituais 100\$. Da Tabacaria Lusa, 1.180\$00, produto de donativos lançados no mealeheiro desta tabacaria. Torres Novas com 50\$00. Mais 60\$ de Emília. 1.600\$00 de promessa. Amadora com 200\$. Anónimo do Porto com 50\$. Em acção de graças pelo êxito numa viagem, 50\$. De Oliveira de Azevémis, 25\$00. E selos do correio no valor de 75\$00 e 50\$. Da Rua Filinto Elísio, 100\$. Da Secretaria da Escola Industrial de Gouveia, 100\$. Mais uma promessa de Torres Novas, com 1.300\$. E a Avó de Moscavide e a muita ternura que nos dedica, com sua migalhina de 250\$00.

Do nosso amigo Nuno 3.000\$, resultante dumas partilhas. Fá-lo com o coração em festa à Obra que tanto ama. Um cheque de 100\$ de algures. Re-

talhos de panos, de Bairro-Minho, de quem recorda o dia 6-11-931. E 150\$ de Souto-Feira. Mais 20\$ de Lamego. 20\$ de Monforte. Mais 400\$, em acção de graças a Pai Américo. Amiga do Henrique com 52\$50 e 47\$50. Encomenda de Mira d'Aire. E 20 cobertores, oferta tão apreciada nesta época de frio intenso, de F. Novais & C.ª. Esta dívida vem-nos de um Amigo brasileiro, sr. Aníbal Rosa da Silva. E 5 pacotes com vestuário da Confidente. Mais roupas, calçado e jogos, vindos de Lisboa. E mais 4 cobertores de Loriga. E o cheque habitual de 3 contos, de Pinto & Cruz, L.da. E Celeste com 20 dólares e seu cartãozinho muito simpático vindo de Montreal — Canadá. «Obra de Deus — para os Pobres», com os 40\$00 do costume. Oferta de Natal, de Senhora Amiga, da Rua Damião de Gois, com 5 contos a distribuir pelas nossas Casas.

Da Farmácia do Chão Verde, 200\$, roupas, azeite, vinho do Porto e o muito carinho que nos dedica desde há muitos anos. E de S. Pedro do Sul, sua oferta e parte dum carta: «Para que as minhas rabanadas tenham para mim melhor sabor, tomo a liberdade de enviar 50\$00, para ajuda das rabanadas dos meus queridos Gaiatos». De Silva & Filhos, 50\$00. Assinante de Rio Tinto com presenças mensais de 100\$00. Roupas de Torres Novas. Mais

Continua na TERCEIRA página

Campanha de assinaturas

Cont. da PRIMEIRA página

secura, mas expressão de muita Amizade.

NOVA REMESSA DA CAPITAL DA BEIRA BAIXA!

Continua ao activo — e muito activo — o assinante 14844, da capital da Beira Baixa. Ora escutem:

«Como havia prometido junto envio 3.ª lista de assinantes (10) para o «Famoso» o grande estandarte das sãs ideias e dos bons exemplos. Estou absolutamente convencido de que todos os nomes propostos serão daqui em diante novos e grandes admiradores da Obra de Pai Américo; pois a sua cultura e a sua profissão são disso a melhor prova.»

Saibam os fieis leitores desta coluna que, a exemplo de

ambas as listas anteriores, são mais dez professores do ensino liceal! E o nosso amigo e correspondente está absolutamente convencido do seu interesse pela leitura de «O Gaiato» — e pelo compromisso que assumiram. Não é demais repisar este pormenor, de esclarecimento para o grande público. Assim, não há dúvida, evitamos muitas fantasias improdutivas.

DE NORTE A SUL DO PAÍS

Como remate, ao menos, queríamos fazer uma síntese da vasta gama de terras — de norte a sul do país — com novas inscrições. Mas como? Perdâmo-nos! Uma coisa, porém, não podemos deixar de frizar — o grande número de novos assinantes provenientes de Lisboa. Até do Tribunal de Contas! Por onde a gente anda!...

Júlio Mendes



Cont. da SEGUNDA página

vestuário de Vilar Formoso. Um cobertor novo vindo de Lisboa. Os habituais 40\$ do Sr Manuel da Rua da Corticeira. Rosa Maria com 100\$ e roupa muito jeitosa.

E cá vai Helena, aquela Senhora que todos os anos se lembra de nós, com o vale de 5.000\$ para cobertores. Esperamos continuar a merecer-lhe a atenção e que o Senhor lhe pague.

Mais um cheque de 4 contos que, todos os anos nos é enviado de Amiga da Rua Sá da Bandeira. Maria com 500\$ de aumento de ordenado. Lisboa com 50\$. Invicta com 50\$00. Doutor de Cabeceiras de Basto, com abraço amigo e 100\$00. Mais 3 dólares de Elizabeth. Do Porto, 100\$ e mais 50\$. E 100\$ de Lisboa. Da Sociedade Algodoeira de Fomento Colonial, 100\$. Um fato de Torres Novas. 11 metros de gabardine de Benedito Barros & C.'. 100\$ de António Pinto da Silva. 500\$ de anónimo, entregues no Lar. De B. A. C. 150\$. Mais 1.000\$ da União de Grémios dos Comerciantes do Porto. Lisboa-1

Do que nós necessitamos

com 50\$. Da Junta de Freguesia de Arcozelo, os 1.000\$ de todos os anos. Mais 500\$ da Rua Rosa Damasceno. E as camisolas do costume, sempre quentinhas e amorosas de D. Margaret.

De Santarém, a alegria de dar e a legenda carinhosa do costume: «Da nossa filha, para os vossos filhos, nossos irmãos, o «abono de família» dos meses de Out. e Nov. — Um casal muito amigo.»

Três presenças do já conhecido sobrevivente do casal R. D.. Um grupo de amigos do Banco Borges & Irmão, com um cheque de 1.020\$. Ervedal da Beira com 50\$. Da Princol,

uma caixa de Vinho do Porto e 100\$. Moçamedes com 50\$. Roupa de Mealhada. Mais 4 lindas camisolas de Freamunde. Mais vestuário da assinante 12844, de Faro. Grândola com 100\$. De Montemor-o-Novo, 200\$. Tomar com 20\$00. E do Porto, 40\$00. Por alma de Amador Pinto Vaz e Dr. Joaquim Gastão Pinto, 50\$. «De um pai», 200\$00. Monteiro Ribas com um rolo de sola. Júlia com 50\$00. Dr. D. A. Ferreira com 500\$. Maria Luisa com 1.200\$. De longe a longe, cá vai o Pessoal da Fábrica de Fiação e tecidos de Jacinto. Desta vez é uma presença de 3.000\$. Deus vos ajude, bons Amigos.

Encomendas com roupas, vindas da América. Dr. Augusto S. com 1.000\$00. Mais 40\$, de duas irmãs aposentadas dos C. T. T. De Valbom, um primeiro ordenado rendeu-nos 72\$50. E não nos esquecemos do teu paizinho, meu caro Luis. Mais uma Luisa com 50\$. Maria Celeste com 20\$. Amigo da Pasteleira, com migalhas que somam 240\$. Por alma de Ana Dias de Jesus, 100\$. E um cheque de 500\$, de Tomar. Família Carlos Figueiredo, com 100\$. «Uma mãe e duas filhas» com 500\$, de aumentos de ordenado e gratificações. Natália com 20\$ e muita simpatia na sua oferta. Mais uma amiguinha que, ao iniciar o ano lectivo dos seus estudos, se lembra de nós com 100\$. E a mensalidade amiga de 200\$, de R. Lemos. Mais Tondela com 50\$. Por alma de Adriano da Luz, 100\$. Manuel Joaquim Monteiro Martins, com 1.250\$00. E o muito que a vossa generosidade entrega no Espelho da Moda, ou em mãos no nosso Lar do Porto. Ficai certos que tudo recebemos e agradecemos.

De Lisboa, 500\$ e esta carta:

«Em consequência de não saber o endereço da Casa do Gaiato de Lourenço Marques, venho pedir a V. o favor de lhe fazer chegar essa pequenina contribuição.

É meu desejo ajudar este sector da Obra que, sendo mais recente, deve lutar mais duramente ainda do que os do Continente.

Agradecendo antecipadamente pede ao Senhor que proteja a Obra da Rua e continue a dar muita luz e generosidade a todos os seus dirigentes e óptimos resultados à Instituição.

M. N. P.»

Na verdade assim é. A nossa Casa de Lourenço Marques, está levantando um formosa aldeia e todas as ajudas são bem-vindas. A direcção é: Casa do Gaiato — S. Tiago

do Infulene — Lonrenço Marques.

De Nova Freixo, 250 moçambicanos. A mensalidade habitual, dos 75\$00 em selos de correio da Amadora. Duas notas de vinte do Porto. Mais de E. D. M. os 20\$ de sempre. E 200\$ de Tomar, dum aumento de ordenado. Arganil com 100\$. E os 4 sacos de castanhas, vindas como os demais

anos, duma senhora Amiga de Carrazedo de Montenegro. De Serpa Pinto — Angola, 1.500\$, de senhora que pede orações. Presenças mensais de António. Mais uma migalhinha de 20\$, de B. J. R. S. «Uma Amiga», com 100\$. Promessa de 20\$, de Leixões. Do Porto, 20\$00. Envelope com 150\$, de Valadares, e nada mais. Um vale de 50\$, por alma de D. Maria das Dores. Novamente Tomar com 20\$ e mais 20\$. Mais um cheque de 10 dólares de F. Vieira, de Chicopee - USA. De uma mãe, o primeiro ordenado de seu filho, 325\$50. Aveiro com 500\$. J. Antunes com 100\$. E mais um pacote de roupas, tão arranjada que é um encanto. Veio de Torres Novas.

E renovo os nossos votos de um Ano Novo de Paz e saúde. Bem hajam.

Manuel Pinto

Lar Operário em Lamego

Estou a escrever a pouca distância do Natal e é nesta quadra festiva que «O Gaiato» vai chegar às mãos dos leitores. Para já, não posso afirmar quantas foram as pessoas que se lembraram de nós.

Há nesta ocasião mais acen-tuadamente a ideia de receber e dar. Há para uns mais vontade de repartir e para outros menos acanhamento em pedir. Uns sentem-se mais ricos e notam que lhes é possível aumentar os seus donativos. Outros sentem que nestes dias as suas necessidades são maiores.

Cada leitor pode explicar a seu modo a razão deste proceder.

Festejar o aniversário do nascimento do Salvador é, sem dúvida, uma atitude digna de muitos elogios. Estes, porém, devem ser ainda maiores para aqueles que ao longo do ano vivem constantemente a doutrina que Ele nos trouxe.

AMAR não é mandamento de ocasião, mas preceito de todos os dias e para toda a vida.

Deve-se festejar o Natal quando depararmos com irmãos que sofrem e precisam do nosso auxílio. Para cada necessidade que apareça, deve surgir sempre vivo e actuante um novo Natal.

O Lar de S. Domingos deu conta que alguns assim o fizeram no decorrer do ano. Não esperaram pelo dia 25 de

Dezembro e foram mandando aquilo que era necessário aos nossos rapazes. Houve até ofertas delicadas a que os Pobres não estão habituados. E assim agradecemos o doce oferecido pela D. Raquel. O donativo da R. das Amoreiras, Lisboa, veio aliviar a nossa dívida que nesta altura passa dos 6 mil escudos. Durou até agora o azeite da Ró. Ainda temos batatas e cebolas vindas de Fonseca, do Centro de Assistência, de Fontelo, do Senhor dos Aflitos e de outros lados. A louça da IVIMA tem sido uma alegria para quem está à frente da casa. A roupa oferecida por Milú, do Bairro da Ortigosa, da Av. Barbosa du Bocage, tem agasalhado os mais precisados.

Foram apreciadas as azeitonas e as maçãs vindas de Moncorvo. Com o dinheiro oferecido na Rua Macário de Castro, do Colégio da Imaculada Conceição, do Snr. Dr. Justino, do Paço; de Aviprado, etc.; comprou-se alguma mercearia. Os descontos especiais do Toninho Fernandes permitiram a compra de artigos que são muito úteis. Houve também quem se lembrasse do vinho e das castanhas para o dia de S. Martinho.

A todos, os nossos agradecimentos e votos sinceros de Festas Felizes para o Natal de agora e para o Natal de sempre.

Padre Duarte



Acabo de receber o Boletim Vicentino, que leio sempre com muita atenção e respeito, pelo trabalho que todas as vicentinas e vicentinos, devotam aos seus Pobres. Além de dirigir este Centro, também faço parte da Conferência do lugar, que luta com dificuldades sem conta, principalmente de dinheiro; pois há Pobres, a quem a visita não agrada desde que não se leve alguma coisa. Para que os leitores do «O Gaiato», que não são vicentinos, meditem também no bem que podem fazer depositando os seus donativos nas mãos de quem procura distribuir conscientemente, porque lidam mais de perto com os Pobres, conhecendo melhor as suas necessidades temporais e espirituais. Já agora não resisto à tentação de contar um caso que se deu com uma vicentina do Porto. Há bastante tempo que ela participa em determinada missa da manhã; e encontrava uma mulher, miseravelmente vestida, a dormir num dos bancos defronte da Igreja. Um dia, decidiu-se abordá-la. A história que ouvi comoveu-a profundamente. Entre soluços contou-lhe a mulher que fora uma senhora rica, culta, dominando perfeitamente várias línguas; e é muito bonita! Uma má administração da fortuna, juntamente com uma vida de dissipação, levou-a à pobreza e à miséria. Enquanto tinha algum dinheiro recolhia-se em

Maria Augusta



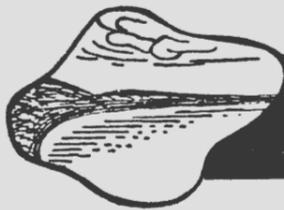
Hoje, houve azáfama e silêncio interior no ambiente das nossas oficinas. Foi o içar da nossa Johanisberg pró primeiro andar, onde é a Tipografia. Tivemos que derrubar parede, por via de ela subir. Foi coisa de «suspense» e de grande preocupação. Houve quem fosse «ligar bem a ficha» ao Pai do Céu e graças a Ele e ao esforço dos nossos e do homem do guindaste, ouvimos um «já lá está» que quase fazia rebenatar lágrimas aos que «ligaram a ficha». A Johanisberg tem a sua história, por via de ter já tirado não sei quantos milhões de «O Gaiato».

Veio transferida da nossa Tipografia de Paço de Sousa para a nossa de Setúbal, como que a crismar as «façanhas» daquele jornalzinho que entra em nossas almas e cria raízes.

Que os nossos impressores saibam ver com olhos de ver os mimos desta máquina que tem construído consciências na Razão e no Amor, que vai de nós para os que lêem «O Gaiato», e deles para nós que o fazemos.

A máquina vale pelo amor que o homem sente e propaga através da escrita, da palavra ou do gesto.

Que a nossa Johanisberg seja Vida aqui, como o foi prós que



SETUBAL

saborearam durante muitos anos os frutos da sua impressão!

x x x

Enquanto esta era montada e lubrificada, outro sucesso do Pai do Céu. Ele, que às vezes nos prega a Sua partidinha, desta vez quis que saboreássemos melhor o içar da Johanisberg, e mandou-nos um torno para a Serralharia e uma máquina de compor prá Tipografia. Esta mais a senhora D. Johanisberg, podem compor e imprimir um Diário — se as notícias vierem de véspera, bem entendido.

De qualquer maneira, a pouco e pouco as nossas oficinas vão sendo recheadas, para delas fazermos uma verdadeira Escola Profissional.

A respeito disto, os nossos crónistas hão-de falar quando o torno entrar na Serralharia e a Mentatype fôr guindada prá Tipografia. Eles saboreiam isto melhor do que ninguém...

O gosto e o brio deles é, e nós vemo-lo porque entra muito no interior, e daí é que cada um o manifesta. Cada Rapaz é um valor grande. Vai de nós adubá-lo e fazer germinar esse valor para que se propague em nossa Casa, à tua porta, na Sociedade onde eles já vivem e hão-de viver mais demoradamente.

A Família e a Escola, seja de que grau de instrução fôr, têm que dar as mãos se quisermos ver frutos na razão dos valores que cada um possui.

x x x

César tem 7 anos. Veio para nós tinha cinco meses. Lembro-me bem da hora em que fui à Pia Baptismal para ser seu padrinho. Senti bem a adopção. César foi até agora acarinhado e animado com cuidados maternais. Mas a separação daquela que tem sido sua mãe, chegou por via da escola e porque há outros mais peque-

ninos. César sentiu um nadinha a separação e tem vindo mais vezes ter com o padrinho dar o «beijinho». Nunca como agora eu senti o dever do apadrinhamento, assim como César tem mais ânsia de vir ter com o padrinho. A necessidade dele mais a minha faz de nós bons amigos.

x x x

Venda e vendedores — Ando revoltado por via de terem escorraçado os nossos que vendem «O Gaiato» nas Igrejas de Lisboa. Em vez de

ser Cristo a expulsar os vendilhões, são estes que O escorraçam na pessoa daquele que à porta das Igrejas distribui alimento para aqueles que talvez lá dentro não o tenham tido. Dá-me vontade de tirar as minhas calças compridas, vestir os calções que já usei e ir vender «O Gaiato» para as portas das Igrejas onde se expulsa o Amor. O Cristo do Sacrário só te recebe se O vires noutros que precisam que os ames e lhes dês o teu amor.

O vendedor de «O Gaiato» não é um pedinte. Ele é uma força que te leva Vida. E, na medida em que tu a recebes, reflectes-lha a ele e ajuda-lo a descortinar e a Viver o Amor do Sacrário.

«O Gaiato» nasceu bem lá dentro d'Ele e nunca se disse que um bom pai tivesse escorraçado um filho.

Ernesto Pinto



CALVARIO

Frio, muito frio neste domingo de Dezembro. O sol não rompeu. A neve acumulada há dias nas ruas e jardins do Calvario torna o ar cortante. E a neblina que desce sobre este conjunto, normalmente agradável e belo, tapa por completo a maravilhosa paisagem que nos circunda e torna um pouco triste o ambiente.

Os doentes que tratam os irmãos que não podem andar e os ajudam e lhes dão de comer, vergados sob o peso do seu sofrer e, alguns com o fardo dos anos, lá se vão arrastando e apressando para fugirem ao frio que corta.

É um rodopiar pelas ruas a caminho dos pavilhões ou das casas dos que podem alguma coisa ao serviço dos que já nada podem.

Cada doente que passa por mim, nesta hora de azáfama do meio dia, diz-me a sorrir: «Snr. Padre; hoje é que vai frio!» Sorri, também, e sigo pró meu posto.

Depois de todos terem almoçado e de tudo ficar limpo e arrumado, foram, cada um por sua vez, acolher-se ao quentinho da lareira do salão de estar para se abrigarem, conversarem um bocadinho e verem a televisão.

Uns sentados nos amplos cadeirões, outros nas suas cadeiras de rodas, chegam-se o mais que podem para o calor da lareira, mas cuidando de não taparem uns aos outros o calor e a TV.

Também para lá me dirigi. Sentando-me a um canto, contemplo aquele quadro de pessoas condenadas pela limitada ciência dos homens e — o que é muito mais duro, chocante e injusto — condenados pelo egoísmo dos seus familiares ou dos homens seus irmãos ao abandono e ao desespero da espera da morte em condições infra-humanas.

Arrancadas deste ultrage à sua dignidade de pessoa humana pelo nosso P.e Baptista e colocados no lugar a que têm direito na sociedade; postos em vida familiar — esta os reabilita nas suas possibilidades que depressa ultrapassam para se darem em abnegação e alegria aos seus companheiros de sofrimento, descobrindo, assim, uma nova dimensão e razão de viver e sofrer, sem revolta ou desespero, os dias que têm neste mundo, aprendendo que com o amor dado aos outros se esquece os seus próprios males.

Verdade é que nem todos os doentes atingem esta plenitude de vida no amor; mas, por minoria que fossem os que a atingiram, a Humanidade, sem que de tal se aperceba, fica mais rica, pois, destes santos desconhecidos é o Reino dos Céus.

Pensava nisto e no mistério do sofrimento e na mentira da Sociedade ao proclamar os Direitos do Homem, que não defende eficazmente, e na hipocrisia dos cristãos que dizem viver em caridade e logo à porta da Igreja a olvidam e na desumana condição de vida de multidão de homens e na dinâmica universal da primeira das Bem-aventuranças proclamada pelo Evangelho que, para a maioria, não passa dum ideal só atingível por uma minoria de «loucos»... — quando o Sí-mões me interrompe para dizer que um cafézinho cafa muito bem e ajudava a aquecer. Como tinha de fazer de «barman» houve que deixar a reflexão para passar à acção e com esta lá se foi o fio das ideias...

Aquele barzinho rústico e discreto logo à entrada do salão, funcionou mais uma vez para aquecer o ambiente familiar e não faltou quem pedisse uma «mosca» pr'afastar a gripe.

Padre Abraão

Carta de BENGUELA

Natal: — Na altura em que escrevo, faltam ainda duas semanas. Entretanto por toda a parte já se vive com a sua aproximação o ambiente mais fraternal do ano.

Cá em Casa também assim é: Os mais pequenos, na sua inocência, perguntam sempre quantos dias faltam para o Natal, o que se vai comer, o que lhes tocará no que respelta a brincados etc.

A mística do nascimento do Menino também será vivida pelos nossos, e a festa será como sempre muito familiar.

Gripe: — Temos normalmente a enfermaria vazia mas nesta ocasião está superlotada. Anda toda a malta amarela e com má cor. Sr. Padre Manuel é o enfermeiro de serviço e ao mesmo tempo o «doutor» pastilhas; comprimidos numa mão e copo de água na outra e é sempre a aviar. Diz a malta

que esta gripe é derivada do perfume das pescarias de Benguela que volta e meia se lembram de empestar a cidade, outros que é dos mosquitos, uma vez que o rio Cavaco já trouxe água este ano. Enfim temos toda a gente de molho e o serviço está por fazer.

Assinantes: — Há dias alguém que não conhecia fez-me paragem à carrinha e sem mais pediu-me que lhe levasse ao seu estabelecimento umas vinte folhas da Campanha de novos assinantes.

Gostei do seu interesse para que outros leiam a boa palavra do nosso Gaiato. Nós em Benguela temos muitas folhas para a Campanha quem quiser trabalhar um bocadinho por amor, e arranjar novos assinantes, peçam-nos as folhas que logo as enviamos. De Vila Nova e Nova Lisboa já vieram duas listas. Em plena quadra de

Natal não seria boa ocasião de pôr à prova os homens de boa vontade?

Casos: — Como disse na última vez, a nossa vida por vezes é um cinema. Navarro é sapateiro, tem 14 anos, veio da Catumbela, é rufia e de volta e meia é o cabo dos trabalhos.

Se não sabiam ficam a saber que ele é um pedaço alérgico ao trabalho; brincadeira é com ele mas como não pode a vida ser feita só a brincar há que fazê-lo entrar nos eixos.

Em frente da sua oficina fica um campo onde de volta e meia se acoitam enormes bandos de pardais. Navarro olha para eles e ferve, tem de estar agarrado à banca e o que ele vê em frente é impossível realizar; mas a paciência tem limites. Certo dia depois de passar a língua pela vira de solas que estava a pôr, larga os sapatos para um lado, avental para outra e abre; aí vai ele porta fora com uma forma na mão atrás dos pardais; em seguida vai o mestre em busca dele, mas ele foge mais e, enfim, passado uma hcrá ei-lo de volta à oficina. Não conseguiu caçar nada, mas a ele deram-lhe caça e chegaram-lhe a roupa ao pelo. Todo queixoso corre ao escritório do Sr. Padre e diz: «Eu não quero estar mais na sapataria, ali só me mandam trabalhar; não quero Sr. Padre, sou mais que Jesus Cristo. Já espetei uma sovela, marteladas nos deões não têm conta e além disso lá só cheira a chulé». É claro o Sr. Padre gargalhou, nós gargalhámos e vós com certeza gargalhais também.

Américo dos Santos



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE